

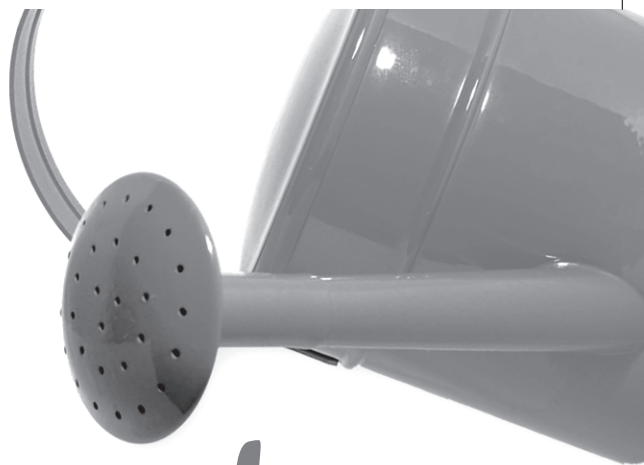
Série Estratégias de Ensino 5

Série Estratégias de Ensino 5

Série Estratégias de Ensino

1. *O ensino do espanhol no Brasil*
João Sedycias [org.]
2. *Português no ensino médio e formação do professor*
Clecio Bunzen & Márcia Mendonça [orgs.]
3. *Gêneros catalisadores – letramento e formação do professor*
Inês Signorini [org.]
4. *A formação do professor de português – Que língua vamos ensinar?*
Paulo Coimbra Guedes
5. *Muito além da gramática – Por um ensino de línguas sem pedras no caminho*
Irandé Antunes

IRANDÉ ANTUNES



Muito além da gramática

POR UM ENSINO DE LÍNGUAS SEM PEDRAS NO CAMINHO



π
Parábola

EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

CONSELHO EDITORIAL

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

José Carlos Sebe Bom Meihy [NEHO/USP]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A672m

Antunes, Irandé, 1937-

Muito além da gramática : por um ensino de línguas sem pedras no caminho / Irandé Antunes. - São Paulo : Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino ; 5)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-61-7

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa - Gramática - Estudo e ensino. 3. Linguagem e línguas. I. Título. II. Série.

07-0257

CDD 469.8
CDU 811.1343:242

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Clemente Pereira, 327 - Ipiranga

04216-060 São Paulo, SP

Fone: [11] 6914-4932 | Fax: [11] 6215-2636

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-61-7

© do texto: Irandé Antunes, 2007

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, fevereiro de 2007

A VINÍCIUS E ANTÔNIO,
que vivem as primeiras surpresas e o primeiro encantamento
do mundo da linguagem.
Que “a poesia desse momento” lhes “inunde a vida inteira”.



NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(C. Drummond de Andrade. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973, pp. 61-62)

Sumário

PREFÁCIO: ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA... , Marcos Bagno	11
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 GRAMÁTICA: UMA ÁREA DE MUITOS CONFLITOS	19
CAPÍTULO 2 QUE GRAMÁTICAS EXISTEM?	25
2.1. Gramática 1: conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua	26
2.2. Gramática 2: conjunto de normas que regulam o uso da norma culta	30
2.3. Gramática 3: uma perspectiva de estudo dos fatos da linguagem	31
2.4. Gramática 4: uma disciplina de estudo	32
2.5. Gramática 5: um compêndio descritivo-normativo da língua	33
CAPÍTULO 3 A URGÊNCIA DE EXPLORAR A GRAMÁTICA SEM EQUÍVOCOS ...	35
CAPÍTULO 4 LÍNGUA E GRAMÁTICA NÃO SÃO A MESMA COISA	39
4.1. Língua e gramática	41
4.2. Língua e léxico	42
4.3. Implicações para o ensino	44
CAPÍTULO 5 NÃO BASTA SABER GRAMÁTICA PARA FALAR, LER E ESCREVER COM SUCESSO	53
5.1. Os recursos a outros tipos de conhecimento, além do conhecimento gramatical	54
5.1.1. <i>O conhecimento do real ou do mundo</i>	55

5.1.2. <i>O conhecimento dos recursos de textualização</i>	58
5.1.3. <i>O conhecimento das normas sociais de uso da língua</i>	63
5.2. <i>Implicações para o ensino</i>	65
CAPÍTULO 6 EXPLORAR NOMENCLATURAS E CLASSIFICAÇÕES NÃO É	
ESTUDAR REGRAS DE GRAMÁTICA	69
6.1. <i>O que são regras de gramática?</i>	70
6.2. <i>O que são nomenclaturas gramaticais</i>	77
6.3. <i>Implicações para o ensino</i>	81
CAPÍTULO 7 A NORMA SOCIALMENTE PRESTIGIADA NÃO É A ÚNICA	
NORMA LINGÜISTICAMENTE VÁLIDA	85
7.1. <i>Norma como regularidade e norma como prescrição</i>	86
7.2. <i>Norma culta</i>	87
7.3. <i>Norma culta ideal e norma culta real</i>	91
7.4. <i>Norma-padrão</i>	94
7.5. <i>Implicações para o ensino</i>	100
CAPÍTULO 8 NEM TODO USO DE LÍNGUA TEM QUE SE PAUTAR PELA	
NORMA CULTA	103
8.1. <i>O fenômeno da variação lingüística</i>	103
8.2. <i>Implicações para o ensino</i>	107
CAPÍTULO 9 UM NOVO PADRÃO GRAMATICAL NÃO SE JUSTIFICA	
PRIORITARIAMENTE PELOS MANUAIS	111
9.1. <i>As normas dos manuais</i>	112
9.2. <i>As normas do uso</i>	15
9.3. <i>Implicações para o ensino</i>	16
CAPÍTULO 10 PARA MELHOR ENTENDER A TRAMA DE TANTOS EQUÍVOCOS	119
10.1. <i>De onde vêm os equívocos?</i>	119
10.2. <i>Quem os mantém?</i>	121
10.3. <i>A quem ou a que servem esses equívocos?</i>	122
CAPÍTULO 11 UMA ANÁLISE DE GRAMÁTICA, MUITO AQUÉM DO TEXTO ...	125
CAPÍTULO 12 UMA SUGESTÃO DE PROGRAMA MUITO ALÉM DA GRAMÁTICA	133
CAPÍTULO 13 NOVAS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E SUAS REPERCUSSÕES	145
CAPÍTULO 14 LÍNGUA E GRAMÁTICA NÃO SÃO UMA RIMA...	
PODEM SER UMA SOLUÇÃO?	159
BIBLIOGRAFIA	163

PREFÁCIO

Água mole em pedra dura...

MARCOS BAGNO

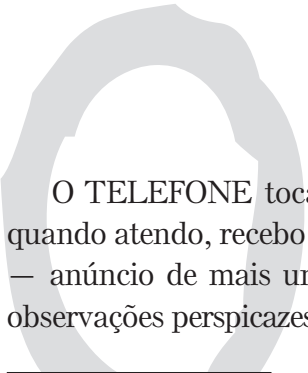
11

Universidade de Brasília

No caso da língua, é bastante claro que o que se diz sobre ela no senso comum é, de fato, muito pouco. Mas — temos de reconhecer — é também muito pouco o que temos realizado em termos do estudo e da compreensão dessas articulações discursivas do senso comum.

Continua pouco claro, por exemplo, o porquê de tais enunciados nunca perderem sua vitalidade (estão sempre aí, incólumes e disponíveis para o eterno retorno). Do mesmo modo, permanecem obscuros os processos que, a cada vez, motivam o reemergir daqueles raros enunciados. Há portanto, muito ainda a se fazer no destrinçamento dos dizeres sociais sobre a língua.

Carlos Alberto Faraco¹



O TELEFONE toca na tarde azul de domingo brasiliense e, quando atendo, recebo a saudação gostosa da minha amiga Irandé — anúncio de mais uma conversa divertida, afetuosa e cheia de observações perspicazes e originais. Irandé, afinal, é uma das pessoas

1. Carlos Alberto Faraco, “Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós”, em Bagno, M. (org.), *Lingüística da norma* (São Paulo, Loyola, 2002, p. 37).

mais inteligentes que conheço e, para melhorar, usa essa inteligência aliada a um senso de humor imbatível. Ela consegue fazer rir com uma facilidade invejável — me lembro de uma ocasião em que, teatralmente de pé, arrancou lágrimas de umas vinte pessoas sentadas à mesa de um restaurante, lágrimas suscitadas pelo riso intenso e quase incontrolável que ela provocou em nós ao fazer uma análise engraçadíssima de uma única frase escrita nas chaves dos quartos do hotel em que estávamos todos hospedados. Tem que ser uma pessoa profundamente íntima da linguagem e de suas filigranas para fazer algo assim.

Pois nessa conversa que tivemos por telefone, em meio a um e outro caso divertido que ela narrava, Irandé também me confessava uma inquietação. Tinha escrito um novo livro, mas receava que de “novo” ele nada tivesse. Afinal, ela argumentava, essas idéias sobre o que é e o que não é gramática, o que deve ou não deve ser ensinado, em que consiste a tarefa do professor de português etc. já vêm sendo repetidas há pelo menos vinte e cinco anos por lingüistas e educadores. Será que vale a pena insistir? Tanta gente boa vem debatendo isso, tantos documentos oficiais, tantos materiais elaborados para formação docente, tantos livros e artigos já se acumulam em torno dessas questões... De que pode servir mais este livro?

Respondi argumentando que, *sim*, valia a pena publicar aquele trabalho. Antes de mais nada porque (como eu previamente já sabia, por ser dela, e pude confirmar ao ler mais tarde os originais) se trata de um livro bom de ler, deliciosamente bem escrito, sustentado não só por um conhecimento teórico sólido, mas também por um desejo sincero de comunicação direta com o leitor. (Por mais paradoxal que isso possa parecer, são poucos os lingüistas que conseguem escrever de um modo minimamente interessante e agradável, como se o trato científico com a linguagem não implicasse também um bom uso dela. Só isso justificaria a publicação.) Mas o livro também merece vir a público (ou melhor, o público também merece este livro) porque aborda assuntos decerto já debatidos, mas enfrentados aqui em nova chave, na perspectiva de alguém que exerce a atividade docente há algumas décadas e conhece de perto a situação potencialmente catastrófica das salas de aula do

Brasil em geral e, mais especificamente, da região Nordeste, onde Irlandé nasceu, se formou e vem atuando mais intensamente (privilégio de poucos, fui aluno dela na Universidade Federal de Pernambuco). É uma professora que dialoga em pé de igualdade com outras professoras e professores, e não uma autoridade acadêmica que vem criticar o que existe sem oferecer nada em troca. O que Irlandé oferece aqui é a riqueza de sua vida, um tesouro de saberes e fazeres com o qual nenhuma erudição livresca pode competir.

Com Irlandé, entre outras pessoas, compartilho a militância em favor de uma educação lingüística que transforme para melhor a vida das pessoas — discentes e docentes —, uma educação lingüística que se concentre no que é *relevante* para a formação humana e intelectual dessas pessoas, uma educação que seja *honest*a no que propõe, sem esconder a realidade sociocultural intrinsecamente excludente que é a nossa, sem fazer a propaganda enganosa de que basta “saber gramática” para ser capaz de ler e escrever produtivamente nem de que “saber português” é garantia de “ascensão social”. Esta educação lingüística que opera com as noções de *relevância* e *honestidade* não pode, sob pena de contradição, insistir no ensino (isto é, na inculcação) de conteúdos inócuos, de práticas de análise estéreis e centradas em si mesmas, de construtos teóricos elaborados antes de Cristo e repudiados há bom tempo pelos empreendimentos científicos, de uma metalinguagem falha e inconsistente, quando não francamente errônea. É um crime, em todos os sentidos da palavra, desperdiçar o espaço-tempo da sala de aula — rarefeito e, portanto, precioso num país de tradição educacional paupérrima como o nosso — com “aulas de gramática”, “análise sintática”, “classificação dos termos da oração”, com questões bizantinas e surrealistas como a da suposta distinção entre “adjunto adnominal” e “complemento nominal”, com a perpetuação de um mito como o da existência da “passiva sintética”, com a transmissão de noções nebulosas como a de uma “norma culta” rigidamente fixada pelos séculos amém...

Quando, em trabalho com professoras e professores em formação ou já em atuação, apontamos os defeitos, as incongruências e a franca

inutilidade daquelas práticas tradicionais de ensino, a questão inevitável é: “*Então, se não é para ensinar gramática, é para fazer o quê?*” Essa é a pergunta que poderia nos imobilizar, nos fazer desistir da profissão, pendurar as chuteiras e ir cuidar do nosso jardim. Muito freqüentemente (quase inexoravelmente), aquela pergunta emerge no final de encontros que temos com esses docentes, como se tudo o que dissemos antes, no curso ou na palestra, não tivesse encontrado eco em suas mentes, não tivesse provocado ondas na superfície de suas águas interiores — e é grande a nossa perplexidade, a de não termos conseguido fazer germinar sequer a semente de mostarda que, ínfima embora, já nos daria alguma boa sensação de dever cumprido.

Onde está o problema? O problema está em toda parte — decerto em nós mesmos, naquilo que dizemos-fazemos, no modo como dizemos-fazemos, e sem dúvida também naquilo que está de tal modo arraigado nas mentalidades que somente por meio da repetição incessante, insistente, paciente será possível fazer questionar para, mais tarde ainda, transformar. É o que diz nosso velho provérbio: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura...” E não é por acaso que o subtítulo deste livro fala justamente das *pedras no caminho* do ensino de línguas — as pedras em que é preciso bater até se transformarem em água fresca e saudável.

Por isso, Irlandé querida, este livro *tem que ser publicado*, para que ele sirva como mais uma etapa no “destrinçamento dos dizeres sociais sobre a língua”, como escreveu brilhantemente nosso colega Carlos Alberto Faraco. Assim, é com enorme alegria que escrevo estas palavras de introdução a ele e de agradecimento a ti. Já aprendi muito contigo quando fui teu aluno, e aprendo ainda mais agora quando sou teu leitor privilegiado e companheiro de luta.

Introdução

O QUE PRETENDO com este livro é trazer para o debate público a questão da gramática e de seu ensino na escola. Na verdade, isso tem sido feito na mídia impressa e televisiva. Só que, em geral, nessas situações, tem-se adotado uma perspectiva baseada na correção de erros ou em questões muito pontuais, que se resolvem facilmente, com explicações gerais, simplistas, *simplificadoras* e pouco fundamentadas. Minha pretensão aqui é outra: quero que as pessoas possam ter acesso a *um olhar diferente sobre a gramática*, um olhar respaldado pela investigação das ciências da linguagem.

Infelizmente, os avanços conseguidos pelos estudos lingüísticos ainda não chegaram ao grande público, nem mesmo àquele público que teve acesso ao estudo de línguas na escola. Pelo contrário, o contato com esse estudo tem repercutido de forma pouco positiva nas pessoas, no que se refere às perspectivas com que se vêem a linguagem, a língua, a gramática, o vocabulário etc. Tudo se mistura numa imensa confusão, agravada pelas pressões sociais em torno do ideal de um falar correto, supostamente mais perfeito e prova de superioridade intelectual e cognitiva. E o resultado é que, quando se sai da escola, se sai muito mais confuso, com uma visão de língua

deturpada, reduzida e falseada, terreno muito propício à gestação de preconceitos e de simplismos incabíveis.

A dificuldade de se propor para o grande público (e mesmo para o público letrado) o debate sobre a gramática reside também no fato de, em geral, as pessoas acreditarem que as questões lingüísticas não lhes dizem respeito, “não têm nada a ver” com suas atividades profissionais, com suas relações familiares, com suas interações nos diferentes grupos sociais em que atuam. Questões lingüísticas, dizem, “são questões para professores de línguas ou para gramáticos. Não nos pertencem”.

Paradoxalmente, em muitas situações, essas mesmas pessoas se sentem muito à vontade para emitir opiniões sobre a língua, e, muito pior, sobre seu ensino, sobretudo quando o assunto é *ensino de gramática*.

Pretendo, portanto, desfazer aqui alguns dos equívocos que se criaram em torno da gramática, a fim de que se possa enxergar a língua com uma visão científica, livre de suposições infundadas, livre da ingenuidade dos “achismos” fáceis, que, embora sedimentados historicamente, não deixam de ser individualmente irrelevantes e redutores e, socialmente, discriminatórios, inconsistentes e excludentes.

O fato de eu me centrar *nos equívocos* tem uma motivação apenas metodológica. Quero partir das concepções do que *não é gramática* — ponto onde se situam os enganos, as falsas percepções —, para chegar à compreensão do que *ela é*, de fato, e, conseqüentemente, dos desdobramentos que pode ter o seu ensino. Se meu propósito é, assim, *atacar os equívocos*, quero começar por apontá-los e, a seguir, apresentar, com fundamentos científicos, as razões por que podem ser considerados, exatamente, *equívocos*.

Embala-me, pois, um sonho positivo de oferecer às pessoas, mesmo parcialmente, noções de acesso a uma compreensão mais ampla, mais científica e mais relevante do que sejam os usos da linguagem na vida das pessoas. Lamentavelmente, a escola não tem propiciado a descoberta dessa amplitude e dessa relevância. E a linguagem, as

questões lingüísticas despertam apenas muito poucos interesses e quase nenhum fascínio.

Está fora de meus propósitos apontar aqui os culpados. Mas me interessa (e muito) focalizar os pontos onde têm origem esses equívocos, para mais facilmente podermos refazer as veredas por onde viemos construindo nossa percepção da linguagem e de seu ensino.

Para quem falo neste livro? Para os professores de línguas? Para os professores de português? Para o público em geral, ou seja, para qualquer pessoa que se preocupa (ou se inquieta) com questões de gramática e de seu ensino na escola? É. É para esse *público em geral*. Seja professor ou não; seja um profissional que lida diretamente com a linguagem (como os profissionais que escrevem, que lêem, que fazem da palavra seu instrumento de trabalho) ou não; seja estudante ou não. Não importa. Queria que qualquer pessoa pudesse parar um pouco para pensar, com olhos de amplidão, nessas coisas da linguagem, da língua, da gramática.

Marcos Bagno, em nossas conversas sobre o tratamento que a linguagem recebe na escola e na mídia, muitas vezes, me sugeriu:

— Irlandé, escreve um livro *para os pais dos alunos!*

Pode ter chegado a hora: e eu estou escrevendo para os pais, para os filhos, para os professores, para qualquer um que queira entender um pouco mais das coisas da linguagem, da língua e da gramática...

Já é tempo de as descobertas da lingüística deixarem de estar confinadas a contextos especializados; já é tempo de... ganharem a rua.

Se este trabalho tem alguma coisa de *denúncia*, espero que tenha também muito de **anúncio**. Anúncio do que pode ser visto noutros horizontes, do que pode ser feito por outras vias...



As reflexões que faço aqui têm raízes em todos os meus encontros com professores; de muitos Estados deste Brasil. Encontros em que

tenho tido oportunidade de ouvir suas dúvidas, de sentir seus receios, de avaliar suas esperanças, de confirmar suas adesões. Encontros que têm sido, assim, para ambos os lados, terrenos de sementeira...

Como inspiração e força para esses encontros, existe também a “presença” de muitos colegas e amigos que, de diferentes formas, e em diferentes lugares, vão também realizando outros encontros, noutras sementeiras, embalados pelos mesmos ideais. Entre essas presenças, merecem uma referência muito especial os amigos Carlos Alberto Faraco, Marcos Bagno, Marcos Marcionilo, Egon de Oliveira Rangel, Ana Lima, Auxiliadora Lustosa, Izabel Pinheiro, Regina Pinheiro. Com eles, em momentos diferentes, troquei idéias e colhi sugestões. Alfredo Antunes foi o leitor particular de cada dia, uma espécie de *personal trainer* de minha ginástica reflexiva e verbal. Como imagens de fundo, dando sentido a tudo, podem ser vistos meus alunos do mestrado na UECE [Universidade Estadual do Ceará]; podem ser vistos os professores e as professoras que vivem à procura de “boas sementes” para novos terrenos. Talvez, algumas possam ser encontradas aqui...

A cada um, meus agradecimentos e a vontade de dividir a última versão desse falar que eles me ajudaram a expressar.